

PROJETO BORBOLETANDO: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM MEIOS VIRTUAIS – UMA PROPOSTA INOVADORA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-258>

Data de submissão: 20/10/2024

Data de publicação: 20/11/2024

Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira
Professora da Universidade Federal do Piauí
Doutora em Educação

Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Professora da Universidade Federal do Piauí
Doutora em Educação

Marilde Chaves dos Santos
Professora da Universidade Federal do Piauí
Doutora em Educação

Livia Fernanda Nery da Silva
Professora da Universidade Federal do Piauí
Doutora em Educação

Amada de Cássia Campos Reis
Professora da Universidade Federal do Piauí
Doutora em Educação

Norma Patricya Lopes Soares
Professora da Universidade Federal do Piauí
Doutora em Educação

Josania Lima Portela Carvalhêdo
Professora da Universidade Federal do Piauí
Doutora em Educação

Irlaine Cutrim Helal Cavalcante
Professora da Faculdade Anhanguera
Mestre em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias

RESUMO

Este artigo trata sobre o “Projeto Borboletando: em casa também se aprende!”, como exemplo de uma experiência exitosa que une a arte de contar história no contínuo da educação informal possibilitando, de forma lúdica, a aprendizagem de temáticas voltadas para a realidade e questões do cotidiano que envolvem as famílias, estudantes, professores, ou qualquer pessoa interessada em ouvir histórias e aprender de forma prazerosa. A arte de contar histórias é uma atividade ancestral, mas que desperta fascínio mesmo em uma sociedade mediada pelas tecnologias digitais, possibilitando experiências educativas/pedagógicas em redes virtuais. O Projeto surgiu em 2020 e segundo a autora foi sensibilizada pela pandemia frente ao fato de ver crianças, principalmente as pequenas, ficarem enclausuradas dentro de casa sem poder visitar parentes, amigos, colegas, e muitas vezes apenas em

companhia dos pais. O nome do projeto foi inspirado pela metamorfose da borboletinha, antes – uma lagartinha - passando de folha em folha no jardim, e depois presa no casulo. A pesquisa apresenta os seguintes objetivos: analisar o Projeto Borboletando no contexto da inovação educacional; descrever algumas experiências com contação de histórias promovidas pelo projeto; apresentar as histórias e memórias dos protagonistas sobre suas vivências no Projeto. O caminho metodológico partiu de uma pesquisa qualitativa, fundamentada em Minayo (2002), em que se realizou uma análise de conteúdo a partir de Bardin (2011). Para tanto, foi aplicada uma entrevista semiestruturada e coletadas histórias orais de vida dos sujeitos da pesquisa - alunos do curso de formação de professores no âmbito da Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O Projeto traz alternativas lúdicas usando materiais diversos, criatividade e práticas inovadoras a partir de recursos educativos tradicionais (contação de histórias, músicas, artes visuais, entre outros). Essa partilha possibilita aos pais e a escola poderem sugerir atividades em que a criança ganha asas tornando-se a borboleta. São 4 (quatro) anos de um projeto que oferece alguns tipos de contação de histórias: a contação propriamente dita por meio de vídeos e animações. Ampliou as possibilidades educativas e pedagógicas proporcionadas pela contação de histórias em redes virtuais, como uma extensão universitária oportunizando à comunidade participar com sugestões de temáticas específicas. Sendo também, espaço de experiências exitosas para os alunos da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Palavras-chave: Extensão universitária, Inovação educacional, Projeto Borboletando, Contação de histórias.

1 INTRODUÇÃO

Este texto trata sobre a contação de histórias nos meios virtuais. Parte da premissa que a Sociedade do Conhecimento, desde o início do Século XXI apresenta as interações sociais mediadas por tecnologias que vêm se intensificando na medida em que os dispositivos eletrônicos de comunicação foram se modernizando e tendo seu custo barateado, tornando-os acessíveis a um número maior de pessoas. Concomitante a isso, nos últimos anos, a *Internet* também se popularizou permitindo um número maior de interações virtuais em várias áreas de atuação humana, sendo que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) passaram a fazer parte do cotidiano dos indivíduos.

Nesse sentido, a educação, seja de caráter formal ou informal, foi afetada pelo desenvolvimento das TDICs e isso demanda que as escolas e universidades se coloquem no centro dessa profunda transformação que afeta o conjunto da sociedade (Relatório Delors, 1998, p. 190). Isso, tanto no sentido de favorecer uma reflexão crítica a respeito da situação da educação diante desse desafio, como também de se adotar novas perspectivas pedagógicas nesse contexto. Assim sendo, não se pode perder de vista que as interações sociais permitidas pela TDIC estão embutidas de um caráter educativo e que ao invés de negar essa realidade, é necessário compreendê-la para usá-la adequadamente.

Do ponto de vista pedagógico e metodológico, uma forma de responder às demandas educativas impulsionadas pela mediação tecnológica, na área educativa, é o reconhecimento de que o Projeto oportuniza o uso de “metodologias ativas” nesse cenário. (Bacich; Moran, 2015). É nesse âmbito que se situa a contação de histórias, um recurso pedagógico utilizado desde tempos ancestrais pela humanidade e que atualmente é uma atividade realizada também em ambientes virtuais, possuindo potencial educativo.

Para tanto, optou-se pela escrita de um artigo de documentação direta e indireta (Lakatos; Marconi, 1999) buscando-se a revisão bibliográfica, do tipo “revisão narrativa” fundamentada em Cavalcante e Oliveira (2020), adensado por uma análise documental (Pimentel, 2001). A análise de conteúdo das histórias de vida dos alunos, fundamentou-se em Bardin (2001) que possibilitou o desenvolvimento de algumas categorias de análise.

Nesse sentido, a pesquisa surgiu dos seguintes questionamentos: o que é o “Projeto Borboletando”? De que forma foi desenvolvido o Projeto Borboletando? Quais as principais experiências promovidas pelo Projeto? O que contam os alunos investigados sobre suas experiências no Projeto? Portanto, este estudo tem por objetivos: analisar o Projeto Borboletando no contexto da inovação educacional; descrever algumas experiências com contação de histórias promovidas pelo Borboletando; apresentar as histórias e memórias dos protagonistas sobre suas vivências no Projeto.

As discussões levantadas neste artigo tiveram como suporte autores como Moreira (2015), Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), Antoni Zabala (1998), entre outros. O texto foi estruturado de forma a proporcionar reflexões sobre a educação no contexto da sociedade do conhecimento, sobre os recursos utilizados para a inovação educacional no ambiente virtual, a organização das sequências didáticas com o uso de um canal da Plataforma *You Tube*, que produz conteúdos envolvendo contação de histórias, entrevistas com os participantes, e algumas experiências exitosas contadas por meio de histórias e memórias de alunas dos cursos da Universidade Federal do Piauí que participaram do Projeto.

2 A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

O contexto atual está inserido em uma sociedade mediada pela cultura digital. Isso se fez notar de maneira mais contundente a partir do início do Século XXI devido ao desenvolvimento da internet, o que colaborou para a expansão do uso de tecnologias digitais em diversas áreas e contextos, utilizando, para isso diferentes dispositivos e meios, em interações que dissolveram a fronteira entre os espaços físico e virtual (Almeida, 2018).

Essas novas formas de interação demandam por novos conhecimentos e novas habilidades que vão além do domínio da tecnologia e de suas linguagens, mas exigem novas formas de se posicionar diante do mundo. Nisso, considera-se que a educação tem um papel imprescindível, pois é uma área que tem por função oportunizar o ensino e aprendizagem dos sujeitos em uma visão integral, desenvolvendo conhecimentos que atendam as dimensões humanas para que elas possam se preparar para responder aos desafios que a sociedade impõe.

Oportunizar aos indivíduos o preparo para viver nessa sociedade requer repensar as concepções de educação, ensino e de aprendizagem, bem como dos demais elementos que perpassam o processo de ensinar/aprender/aprender, uma vez que se descortinam diversas possibilidades de educar-se e de aprender com o advento das mediações tecnológicas. Nesse sentido:

[...] as novas concepções sobre a educação, as revisões e atualizações nas teorias de desenvolvimento e aprendizagem, o impacto da tecnologia da informação e das comunicações sobre os processos de ensino e de aprendizagem, suas metodologias, técnicas e materiais de apoio [...] delineiam um cenário educacional com exigências para cujo atendimento os professores não foram nem estão sendo preparados. (Brasil, 2000, p. 5).

A preocupação com esse novo cenário educativo já se mostrava expresso no Relatório Delor (1998), quanto esse aponta os quatro pilares da educação para o Século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos/aprender a viver com o outro e aprender a ser (UNESCO, 1996) e que levam a vislumbrar a educação como um processo multidimensional, contínuo e que ocorre

também fora da escola. Ao se observar essas necessidades de aprendizagem a partir do uso de recursos tecnológicos, pode-se dizer que embora já se usasse recursos dessa natureza antes, foi a partir da pandemia de COVID 19 que se intensificaram buscas por novas formas de se educar no contexto de isolamento social em que se fez uso do ensino remoto. Diante disso, cresceu o interesse em se conhecer as metodologias ativas, que nesse contexto se mostraram como as mais adequadas.

Segundo Bacich e Moran (2015), o estudo dessas metodologias ativas, principalmente por meio do uso das tecnologias digitais, não é recente e remontam ao início da inserção dos computadores na escola, ocorrido no final do Século XX. Essa situação levou às pesquisas sobre a relação entre o uso das tecnologias digitais e as metodologias ativas. Isso porque no contexto de uma cultura digital não basta apenas munir os alunos de conhecimentos que os levem a operar com as tecnologias, mas possibilitar que eles sejam protagonistas de seus processos de aprendizagem e que as aulas se constituam em vivências de experiências que despertem a criatividade e autonomia.

Assim, não se trata apenas de inserir as tecnologias digitais no contexto educativo, mas de se repensar o papel da educação diante novo cenário, de modo a se construir uma postura crítica diante das inovações tecnológicas. Concordamos com Almeida (2018, p. 16), quando defende que:

É preciso reinventar a educação, analisar as contribuições, os riscos e as mudanças advindas da interação com a cultura digital, da integração das TDIC, dos recursos, das interfaces e das linguagens midiáticas à prática pedagógica, explorar o potencial de integração entre espaços profissionais, culturais e educativos para a criação de contextos autênticos de aprendizagem mediados pelas tecnologias.

Dessa forma, engajar os estudantes em processos de ensino e aprendizagem mediado por tecnologias requer reconfigurar a forma de se ensinar, vivenciando metodologias condizentes com a cultura digital, em que se mudam as relações estabelecidas entre tempos e espaços escolares. Nesse sentido, as metodologias ativas apresentam-se como uma das possibilidades, pois estas:

[...] são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. (Moran, 2018, p. 39).

Por essa perspectiva entende-se que há uma diversidade de métodos associados às metodologias ativas, se forem considerados nesse rol os métodos que impulsionem o desenvolvimento da autonomia, da aprendizagem e do protagonismo do aprendiz. Nesse sentido, pode citar-se como metodologia ativa, pelo viés da problematização da aprendizagem a “sala de aula invertida, sala de aula compartilhada, aprendizagem por projetos, contextualização da aprendizagem, programação, ensino híbrido, *design thinking*, desenvolvimento do currículo STEAM, criação de jogos, entre outras”

(Almeida, 2018, p. 17). É possível ainda, a respeito os princípios da metodologia ativa, que os professores desenvolvam outros métodos além desses descritos.

Nesse contexto, como poderia se situar a educação que se processa por meio das plataformas de vídeo? Para responder a esta questão é preciso recorrer a Libâneo (2010), quando ele classifica as modalidades de educação em formal, informal e não formal. Aliado a esses diversos campos e/ou modalidades em que a educação acontece é preciso compreender também que a aprendizagem ocorre de maneiras diferentes e que por isso mesmo se pode lançar mão de diversas técnicas e procedimentos, de forma a se atingir os objetivos de aprendizagens propostos. Quando se cogita uma aprendizagem ativa, personalizada e compartilhada, estar-se considerando que esta aumenta a flexibilidade cognitiva do sujeito que aprende. Tal flexibilidade pode ser definida como “a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes” (Almeida, 2018, p. 37).

Inseridos no contexto de uma sociedade do conhecimento, em que estes rapidamente se atualizam, a aprendizagem ativa se impõe como uma necessidade, de modo que as mudanças nas dinâmicas de aprendizagem, nos impelem a desenvolver metodologias ativas, utilizando-se entre outros, dos meios virtuais e da TDICs. E isso significa “reinterpretar concepções e princípios elaborados em um contexto histórico, sociocultural, político e econômico diferente do momento atual” (Almeida, 2018, p. 18).

Convém lembrar que na classificação proposta por Libâneo (2010), ainda não há referências à educação que ocorre de forma não intencional nos meios virtuais e em especial nas redes sociais. Então, o que se defende aqui é que ao se realizar interações sociais, sejam elas presenciais ou virtuais trata-se de situação de aprendizagem, cujos processos são múltiplos, abertos, contínuos e híbridos, alcançando modalidades informais, não formais de educação.

Assim, paralelos aos processos escolares de educação ocorrem também aprendizagens por outros meios que são sedutores e adaptados às necessidades de cada indivíduo (Almeida, 2018). É nesse âmbito que se situa as aprendizagens que podem ocorrer nas plataformas virtuais e que são objetos deste estudo. E nesse caso pode-se dizer que em relação aos canais de plataformas de vídeos, alguns têm intenção educativa e outros têm intenção de entretenimento, ainda assim, educam de maneira informal.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO UM RECURSO LÚDICO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Em se tratando de educação, independente de qual modalidade ela ocorra, um dos pressupostos importantes é ter clareza do que se considera aprendizagem, ou seja, sob qual referencial se está tomando-a, uma vez que diferentes correntes de pensamento vão responder de maneiras diferentes ao questionamento sobre como as pessoas aprendem ou de pelo menos, sobre quais são os indicadores de que houve aprendizagem.

Por outro lado, existe a percepção, que quem atua na educação formal necessita levar em conta que no contexto social em que nos encontramos inseridos, a aprendizagem avança também de forma eficiente fora dos muros da escola (Moran, 2015, p. 46), seja de forma individual, grupal ou tutorial. Nesse caso, é preciso considerar as aprendizagens que ocorrem nos meios virtuais, não para competir com a escola, uma vez que essa materializa um direito social conquistado, mas para com ela colaborar. Entre essas aprendizagens, pode-se citar as que ocorrem por meio da contação de história nos meios virtuais.

A respeito disso, cabe ressaltar que a contação de histórias é uma arte ancestral, por meio da qual o homem pode dar continuidade à sua cultura e transmitir suas descobertas e suas experiências. Por isso, pode-se dizer que os ensinamentos mediados por narrativas orais são atemporais e, se já encantaram crianças desde tempos imemoriais vão continuar encantando as crianças das gerações futuras, mesmo em tempos em que todos estão imersos em um mundo permeado pela tecnologia (Dohme, 2008).

É fato que essa arte milenar adentrou às escolas, mas seu emprego como atividade pedagógica não vai muito além do propósito de colaborar com a formação de leitores, o que por si só tem sua relevância. No entanto, geralmente não se leva em conta as demais potencialidades dessa atividade artística, como por exemplo, veicular uma mensagem estudada pelo adulto e que seja adequada ao momento e às necessidades da criança de alargar sua visão de mundo (Dohme, 2008, p. 19).

Como já foi destacado neste texto, o mundo é complexo e mediado por tecnologias, de forma específica as TDICs, no qual as crianças precisam estar preparadas para enfrentar os desafios que lhes são impostos. Vislumbra-se, por meio da contação de histórias uma forma de dialogar com as crianças sobre esses desafios, pois entende-se que essa arte envolve aspectos relacionados à Psicologia, à Educação e à Linguística, bem como às linguagens não verbais, à ética e à cibernética (Dohme, 2008, p. 20).

Os efeitos do entrelaçamento da contação de histórias com as diversas áreas de conhecimento podem ser dimensionados em vários aspectos. Na obra “A arte de contar histórias”, de Malba Tahan

(1964) são levantados pelo menos cinco aspectos da importância da contação de histórias: o recreativo, o educativo, o instrutivo, o religioso e o físico. Destacam-se dentre esses o aspecto educativo, que se relaciona à expansão da linguagem infantil, ao estímulo à inteligência, à aquisição de conhecimentos, socialização, respeito às diferenças, à formação de hábitos e atitudes sociais e morais, ao desenvolvimento da sensibilidade e imaginação, memória e atenção e ainda despertam o interesse pela leitura. Nessa mesma direção, Dohme (2018), acrescenta além dos citados, o desenvolvimento do senso crítico, da observação e criatividade.

Reforça-se que as crianças, como a maioria dos adultos, gostam de ouvir histórias e isso torna-se um fator preponderante num processo de comunicação, pois pode se constituir num canal para a comunicação entre adultos e crianças. A contação de histórias favorece a afetividade e desperta a confiança, aumentando a possibilidade de diálogo, tornando a comunicação mais clara e produtiva. (Dohem, 2008, p. 30). É preciso lembrar que por meio das histórias pode-se explorar uma variedade de temas e com isso, igualmente se expressar as mais variadas mensagens. Assim, é possível enviar mensagens de forma que as crianças entendam o que se quis dizer. Nisso reside o caráter educativo das histórias.

Dessa forma, do ponto de vista pedagógico, tem-se na exploração da contação de histórias, a oportunidade de abordar temas como a discriminação, preconceito, entre outros, bem como favorecer valores positivos e necessários para a construção de uma sociedade mais humana, ética e justa.

Uma das questões que se coloca diante da complexidade da sociedade do Século XXI é como se estabelecer o diálogo com as crianças de modo a conscientizá-las dos desafios e das incertezas aos quais elas estão expostas, uma vez que elas não possuem maturidade emocional para isso. Nesse contexto, a contação de histórias coloca-se como uma das alternativas educativas, pois ela possibilita contextualizar valores e por meio dos personagens (fadas, bruxas, animais e outros seres fantásticos) envolvidos nas narrativas dar vazão às angústias e inquietações das crianças. Pode-se dizer, que no ato de contar histórias há também um processo psicológico subjacente envolvido (Dohme, 2008).

Outro aspecto que vale a pena ser levantado diz respeito aos gêneros textuais relacionados à contação de histórias. Destacam-se entre esses gêneros os contos de fadas, as fábulas, as lendas e os mitos. De acordo com a autora supracitada, as histórias de fadas são mais adequadas às crianças pequenas, enquanto para as crianças de mais de sete anos, recomenda-se as fábulas, as lendas e os mitos. Dohme, (2008) também destaca não ser o fato de as crianças mais velhas não apreciarem os contos de fadas, mas são as menores que não entendem o sentido das fábulas, lendas e os mitos.

De um modo geral, as narrativas de contos de fadas, permitem às crianças reelaborarem suas emoções, entre elas medo e angústia, uma vez que nesse gênero são apresentados protagonistas que

enfrentam diversos malefícios, cujos enredos são concluídos com finais felizes. Além do mais, os contos de fadas têm também por uma de suas características o maniqueísmo, o que faz com os personagens apresentados sejam sempre bons ou maus, levando as crianças a compreenderem mais facilmente as mensagens das histórias, uma vez que os comportamentos de seus personagens são previsíveis (Dohme, 2008).

Para além do caráter eminentemente educativo (na medida em que se refletem sobre valores), há um sentido psicológico que atravessa as histórias contadas, principalmente no que diz respeito aos contos de fadas e aos mitos. Ambos expressam o modo de ver e compreender fenômenos sociais em diversas culturas. Assim, através dos arquétipos, os mitos expressam o imaginário que habita o inconsciente coletivo, conceitos trabalhados por Carl Jung (*idem, ibidem*) e que ajudam a compreender padrões de comportamentos comuns à diversas culturas, como por exemplo, o papel da mãe, do pai, etc.

Um outro gênero narrativo que é utilizado nas contações de histórias é a fábula. Ela difere-se dos contos de fadas na medida em que se desenrola em ambientes isentos de pressões externas, uma vez que tem por objetivo colocar em evidência as relações sociais e geralmente apontando para ações virtuosas. Já nos contos de fadas os personagens apresentam nuances de personalidades que expressam estereótipos facilmente reconhecíveis e associados às personalidades humanas. (Dohme, 2008, p. 53)

Para a mesma autora, ao colocarem em palco as relações sociais, em enredos cujos desfechos culminam em soluções justas, as fábulas instigam à reflexão sobre valores e padrões de comportamento, operando com referenciais tanto psicológicos quanto éticos. São essas características que credenciam as fábulas, que há séculos são apreciadas pela sociedade, a conquistarem educadores e educandos mesmo em uma época mediada por tecnologias digitais. A mesma compreensão dessas funções pode ser utilizada em relação aos contos folclóricos e lendas explorados pelo Projeto.

Há ainda um outro aspecto que permeia a contação de histórias e que merece ser evidenciado: é o sentido ético que as histórias encerram. Relacionado à forma como o indivíduo se porta diante do outro, seja em relação ao meio familiar ou na sociedade, ou seja, em relação à busca por sua realização pessoal, o sentido ético presente nas histórias narradas emergem diante dos conflitos dos personagens, quando esses são colocados frente a situações em que eles têm que tomar decisões justas, corretas e que não prejudiquem outrem. São situações que permeiam a trajetória humana e exigem de os indivíduos operarem com virtudes morais. Para Dohme (2018), as virtudes não são produtos da natureza humana e sim hábitos que podem ser ensinados, por meio de instrução, exercício e treino, sendo a contação de história uma ferramenta adequada para essa finalidade.

Uma vez discutido o sentido social, pedagógico, educativo, psicológico e ético envolvidos no processo de contação de histórias, cabe discutir aspectos relativos às qualidades de um bom contador de histórias. De acordo com Malba Tahan (1964), em sua obra “A arte de contar histórias” são estas as características que atestam as qualidades de um contador de histórias: sentir, ou melhor, viver a história; ter a expressão viva, ardente sugestiva; narrar com naturalidade, sem afetação; conhecer, com absoluta segurança, o enredo; dominar o auditório; contar dramaticamente (sem caráter teatral exagerado); falar com voz adequada, clara e agradável; evitar ou corrigir os defeitos de dicção; ser comedido nos gestos e emocionar-se com a própria narrativa.

Por sua vez, Dohme (2008), destaca três fatores que podem levar contação de história a gerar vínculos entre o contador e o ouvinte das histórias, melhorando a performance da atividade: o local, a distribuição do narrador e sua plateia e a postura do narrador. Quanto ao local, autora destaca que deverá trazer em sua composição que despertem a fantasia e a magia, como por exemplo, salas com almofadas, simulação de um tapete mágico, véus multicoloridos, etc. O ambiente, poderá conter também apenas um adereço e dá como exemplos, “uma vela em um ambiente mais escuro, por exemplo, ou um chapéu de fada esperando pelo narrador”. (Dohme, 2008, p. 102).

Assim, de uma maneira geral compreende-se que as histórias, dadas as suas funções, sejam “para auxiliar a estabilidade emocional, para incitar a imaginação, a atenção e o senso crítico, sejam para formar a competência narrativa, sejam para motivar a leitura e para auxiliar a formação de uma escala de valores” (Dohme, 2008, p. 51), conquistaram seu espaço no lar e na escola e agora pode-se dizer que elas também têm seu lugar assegurado nas mídias sociais, uma vez que se torna cada vez mais comum plataformas como *You Tube* e *Instagram* a presença de canais e páginas dedicadas a essa atividade artística. Nesse caso, abre-se um leque para se pensar o trabalho do educador nos meios virtuais.

3.1 AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COMO UMA FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Diante que foi exposto, cabe agora refletir sobre o trabalho do professor no contexto das interações digitais e tendo como pressuposto de ensino-aprendizagem as metodologias ativas. Ao tratar do processo de ensino em ambientes mediados pela tecnologia, remete-se a dois aspectos relativos à ação didática: espaço e o tempo de aprendizagem. É consenso que estes são operados de diferentes formas no decorrer da história da educação, uma vez que nem sempre o ensino ocorreu em um local específico como a escola, bem como a utilização do tempo escolar nem sempre foi por turno especificado.

Nesse sentido, Zabala (1998), reconhece que a utilização do espaço se dá como um resultado da forma como se concebe o ensino e a função social deste. Assim, mudando as concepções de ensino e a função que este representa para a sociedade se muda a forma como o espaço é utilizado. Essa temática começa a se apresentar como um problema quando “o protagonismo do ensino se desloca do professor para o aluno. [...] Este simples deslocamento põe em dúvida muitas das formas habituais de se relacionar em classe, e questiona consideravelmente o cenário”. (Zabala, 1998, p. 158). Isso quando se trata do espaço físico de onde ocorre o ensino. No caso da referência à sala de aula/educação formal esse deslocamento de protagonismo requer uma nova forma de organizar as carteiras e o outros mobiliários ou a mudança para outros ambientes fora da sala de aula. No âmbito da temática em discussão é relevante chamar atenção para a significância do espaço em tempo de ensino híbrido e/ou de ensino remoto. Nesse caso, a necessidade de um espaço confortável e apropriado para que o aluno aprenda continua como um pressuposto, mas é preciso refletir também sobre o espaço virtual. Esse, além de todo o aparato tecnológico necessário para o acesso às plataformas, requer a construção de uma ética de convivência e que diz respeito a como se portar, de uma forma geral, diante das interações virtuais.

De forma análoga à discussão sobre o espaço, há uma preocupação com a gestão do tempo de ensino-aprendizagem. A gestão do tempo relaciona-se com o planejamento de ensino, uma vez que sendo bem aproveitado o tempo de professores e de alunos em sala as atividades serão desenvolvidas de forma mais eficiente. No caso da utilização das metodologias ativas o planejamento e a gestão eficazes do tempo e do espaço tornam-se condições necessárias para o funcionamento da proposta (Gonçalves; Silva, 2018). Basta lembrar, por exemplo, as salas de aula compartilhada, em que o uso do tempo e do espaço tem que ser planejado de forma meticulosa.

Nesse sentido, há de se pensar em como se planejar e como organizar o uso desse tempo e desse espaço, sem esquecer que esses elementos assumem diferentes configurações a depender da proposta metodológica adotada. Assim, os tipos de atividades e a maneira como vão sendo articuladas as unidades de ensino formam sequências didáticas que são reveladoras das concepções de ensino escolhidas. Pode-se compreender como sequências didáticas a forma de organizar o conteúdo a ser ensinado, constituindo-se em um “conjunto articulado de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem princípio, meio e fim e que são conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998, p. 18). O mesmo autor destaca que há elementos condicionantes na organização dessas sequências didáticas, inclusive no que diz respeito ao espaço onde elas irão se desenvolver, bem como as pressões sociais e os recursos disponíveis.

A respeito das sequências didáticas, impõe-se o questionamento sobre a potencialidade delas em favorecer maior de significância das aprendizagens para os alunos, especialmente se o ponto de partida forem as metodologias ativas e também levar em consideração a aprendizagem como uma construção individual, mas que se efetiva com a mediação de outras pessoas. Nessa perspectiva Zabala (1988), aponta indicadores que podem colaborar na elaboração de sequências didáticas, a saber: os conhecimentos prévios dos alunos; a significância e a funcionalidade dos conteúdos; o nível de desenvolvimento dos aprendentes; a criação de zonas de desenvolvimento proximal a capacidade de provocar conflitos cognitivos; que motivem os alunos para a aprendizagem de novos conhecimentos; que promovam a autoestima e o autoconceito e estimulem a habilidade de aprender a aprender.

Pensando em um planejamento e gestão, cujas sequências didáticas respondam a esses indicadores, pode-se inserir a contação de história como uma metodologia ativa, não apenas como uma forma de enriquecer a condução do processo de ensino-aprendizagem, mas no sentido de avançar em direção a uma postura em que “gradativamente o educador se posicione como um mediador, um parceiro na construção de conhecimentos que não está no centro do processo”. (Almeida, 2018, p. 22). A centralidade desse processo cabe aos alunos e as relações que estabelecidas entre ele, o educador e o objeto de conhecimento.

De acordo com a autora supra citada, em um contexto em que se privilegia a mediação, seja pelo educador, seja por outros pares e recursos, o compartilhamento de informações em tempo se apresenta como uma chave para a aprendizagem, sendo que a combinação de tecnologias digitais e metodologias ativas se constitui numa inovação pedagógica. Assim, se antes do período pandêmico já se fazia uso de recursos como listas de discussões, fóruns, entre outros, após esse evento se intensificou o uso de aplicativos de comunicação (*Hangouts, Spyke, Meet, What app, etc*) que “facilitam a interação de grupos, a discussão de projetos e ideias, a apresentação de resultados e a orientação também mais personalizada (Almeida, 2018, p. 50).

Da mesma maneira, o isolamento social fez com que se intensificasse o uso de rede sociais como *Instagram, Facebook e You Tube* não só com propósito comunicativo, mas também como forma de entretenimento e permeando esses propósitos houve a disseminação de ideias e informações, caracterizando educação informal.

Dessa forma, emergiram diversos canais e páginas dedicados à contação de histórias, dentre os quais o canal do “Projeto Borboletando: em casa também se aprende!”, que aqui será apresentado como uma forma de se educar de maneira informal.

4 O CANAL BORBOLETANDO: UM EXEMPLO DO USO DAS REDES SOCIAIS DE FORMA EDUCATIVA

Nesta seção, apresenta-se o “Projeto Borboletando: em casa também se aprende!” que está em sua 4ª edição, conforme foto que segue no contínuo deste texto, em que uma aluna de pedagogia – PRIL/UFPI apresenta o projeto. Nas duas últimas edições o Projeto passou a contar com a parceria do “Programa Institucional de Fomento e Indução da Inovação da Formação Inicial Continuada de Professores e Diretores Escolares (PRIL)”, doravante denominado **“Programa Institucional de Fomento e Indução da Inovação da Formação Inicial Continuada de Professores e Diretores Escolares – PRILEI**, que “tem por objetivo fomentar a oferta de **cursos inovadores de licenciatura** e de formação continuada para profissionais da educação básica que atuam nas etapas iniciais de ensino”.

O PRILEI é uma alteração do PRIL Programa Institucional de Fomento e Indução da Inovação da Formação Continuada de Professores e Diretores de Escolas, dando ênfase nos cursos de licenciaturas participantes, a educação integral como dimensão fundamental do itinerário formativo. (CEAD, 2024, p.1).

O Projeto “Borboletando... Em casa também se aprende!” teve seu início no ano de 2020, como parte da extensão universitária da Universidade Federal do Piauí (UFPI) - “Em Busca de Extensionistas para o Enfrentamento do Coronavírus” da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC) desta universidade. O objetivo das produções apresentadas por meio do Projeto é proporcionar o desenvolvimento de atividades voltadas ao incentivo pedagógico no âmbito virtual. Traz inovações por meio do uso de técnicas consideradas tradicionais como a contação de histórias, música, jogos, entre outros recursos educativos, associados às tecnologias digitais, principalmente em razão do período de pandemia do COVID 19, ano em que foi criado o projeto em análise. Portanto, no âmbito das ações extensionistas previstas o PRIL (atual PRILEI), foi criado e até o momento coordenado pela Profa. Sandra Lima de Vasconcelos Ramos, que explica em entrevista oral o direcionamento dos vídeos, demonstrando que estes reforçam a dinâmica da educação, utilizando-se de elementos regionais que facilitam a compreensão. Segundo a coordenadora:

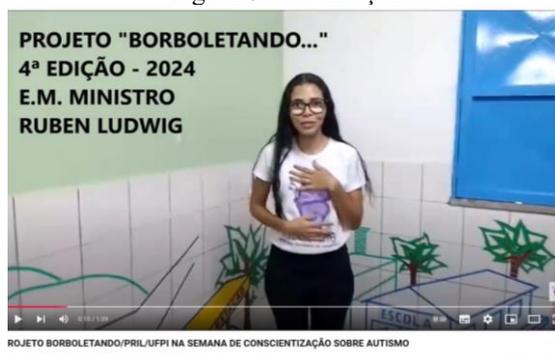
A principal característica das historinhas é abordar temas atuais e relevantes, envolvendo crianças da Educação Infantil e de séries iniciais do Ensino Fundamental. As videoaulas trazem contação de histórias, música e orientação de atividades pedagógicas no canal do YouTube (Professora Sandra Ramos, 2024).

São muitas as características que possibilitam que o Borboletando seja categorizado como uma inovação educacional, uma delas é a interatividade em relação a escolha das temáticas, com a participação das famílias, comunidade em geral. A exemplo, tem-se o atendimento a uma demanda

direta de professores da rede pública municipal de Teresina-PI. As três primeiras histórias tratam sobre lendas piauienses, homenageando o mês do Folclore. Segundo a Coordenadora “As histórias abordam temas atuais, podendo ser usadas pela comunidade em geral, dentro e fora da escola”. O projeto Borboletando usa de criatividade, flexibilidade, procura ouvir a comunidade para tratar de temas considerados complexos de forma a facilitar a discussão sobre os problemas da atualidade.

O Borboletando traz inovação e criatividade por meio de recursos tradicionais associados às tecnologias digitais, à arte e à educação inclusiva para a formação de professores e diretores escolares, sendo um dos pilares de atuação do atual **PRILEI**. Confira a apresentação do projeto e os vídeos publicados no canal.

Figura 01 – 4ª Edição



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=--cdFAeGtHA>, 2024.

Inicialmente o Projeto teve a finalidade de disponibilizar vídeos com contação de histórias para crianças de 3 a 7 anos que se encontravam em isolamento social em decorrência da pandemia da COVID-19 (Borboletando, 2022).

Figura 02 –



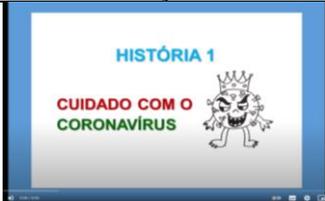
Fonte: Projeto de Extensão "Borboletando": confira vídeos da história 8 e 9. 2024.

Nesse período inicial – 1ª Edição, pode se confirmar as seguintes produções no canal de Youtube - 23 com 13 vídeos histórias; a segunda Edição apresenta 10 produções, sendo quatro vídeos histórias; a terceira Edição 16 produções, com seis vídeos histórias e participação em eventos de Literatura Infantil – Feira do Literatura Piauiense (FELIPI); a quarta Edição apresenta 15 produções

sendo, até o momento, três vídeos histórias e duas participações em eventos como FELIPI e o Salão do Livro do Piauí (SALIPI).

As demais produções subdividem-se em vídeos de participação dos alunos do PRILEI, oito Shorts, eventos e oficinas, vídeos de divulgação, poemas animados, ciclos de estudo e seminários, contação de histórias, apresentação de novos personagens, videoaulas, depoimentos de alunos do PRILEI, colaboradores e pessoas da comunidade e entrevistas para veículos de comunicação. Atualmente o Projeto apresenta 1.230 (mil duzentos e trinta) inscritos, oferecendo 76 vídeos, com 44 mil duzentos e quinze visualizações no total. Como exemplo, destacam-se duas amostras da 1ª Edição de 2020.

Tabela 01 – Amostra de produções da 1ª Edição

Nome da História – 1ª Edição	Nº visualizações e ano
	2.833 visualizações 20 de abr. de 2020.
	8.399 visualizações 22 de abr. de 2020.

Fonte: Projeto "Borboletando... em casa também se aprende!" História 02 Os três porquinhos e o coronavírus, 2024.

Os vídeos, enquanto produções artísticas integram recursos físicos, na maioria material reutilizáveis integrados aos recursos tecnológicos. Os primeiros estão relacionados à confecção dos personagens e os segundo diz respeito à gravação e edição dos vídeos cujas histórias são contadas por meio dos materiais reutilizados.

Das histórias postadas destaca-se aqui os contos e as lendas, pois os vídeos analisados são apresentados em uma linguagem acessível à criança e sempre apresentam uma intenção educativa, como por exemplo os cuidados relativos à prevenção de doenças, como também de situações que podem se apresentar como perigosas para as crianças, como no caso da história “A porca do dente de ouro”, adaptada em forma de vídeo com o título “Pippa, Luca e a Porca do dente de ouro”.

Acrescenta-se ainda que as histórias contadas, pode-se dizer que “as histórias fornecem um contexto com o qual se pode trabalhar de diversas maneiras, fazendo com que as crianças sejam convidadas a criar”. (Dohem, 2008, p. 138). Abrem-se assim diversas possibilidades de criação e de

recriação do que a criança assiste, como também de pais e professores de explorarem didaticamente os vídeos. O canal, também, disponibiliza sequências didáticas que podem ser usadas por educadores no sentido de organizarem uma prática educativa mais consistente.

As sequências didáticas ofertadas pelo projeto apresentam-se como uma opção para desenvolver as atividades e explorar os vídeos, procurando respeitar o tempo de aprendizagem, bem como o interesse das crianças por cada história, facilitando assim um *feedback* sobre os objetivos pretendidos. A título de compreensão desse *feedback*, há no canal outros vídeos que evidenciam o olhar de crianças, pais e professores a respeito do resultado do trabalho desenvolvido.

4.1 O PROJETO BORBOLETANDO: DESENVOLVENDO PRÁTICAS EXITOSAS COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A intensão desta pesquisa, no que tange a construção de narrativas autobiográficas, parte da compreensão de que enquanto seres humanos não existe a neutralidade, sendo necessário que se busque a ética e a responsabilidade no âmbito das crenças e ideologias, que são da responsabilidade da família e não imposição das instituições e espaços educativos. Precisa-se conhecer a subjetividade para que se tenha maior respeito à individualidade no contexto coletivo, nas tomadas de decisões no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem como responsabilidade da escola, mas, compreendendo-se que em casa também se aprende. Nesse sentido buscou-se analisar as narrativas autobiográficas – histórias de vida de formação.

Nas narrativas autobiográficas tem-se a visão do individual no contexto de aplicação em um ambiente coletivo, que precisa ser cooperativo, ético e que promova a efetiva aprendizagem de forma significativa. Ao se apresentar as experiências que seguem, e a história do projeto por meio de narrativas autobiográficas/história de vida, ultrapassa-se o que afirma Sousa (2007, p. 63) sobre a lembrança e/ou memória:

A lembrança remete o sujeito a observar se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

Segundo Souza (2007), em geral, os estudos das histórias de vida no campo educacional estão mais centrados na pessoa do professor, com ênfase nas subjetividades e identidades que essas narrativas comportam. Neste estudo, tem-se o diferencial de se buscar nas histórias de vida de alunas as memórias pessoais, experiências acadêmicas e seus anseios de formação inicial e continuada presentes nas narrativas destas estudantes. Elas se posicionam sobre o quanto essas experiências são

importantes, a valoração da instituição universitária em suas vidas, as experiências de extensão e apresentam a formação que constrói suas identidades pessoais e de futuro profissionais da educação, contribuindo, desta forma, com a construção deste estudo. As histórias de vida/autobiografias deixam explícitas a importância para essas alunas de estudar na Universidade Federal do Piauí – UFPI; o sonho de uma educação superior; a relevância da UFPI para o ensino do Piauí; a realização do tripé: ensino/pesquisa e extensão por parte de gestores e professores da UFPI e, no caso do Borboletando, pelo CEAD/UFPI/PRILEI. Destacam-se as histórias e memórias dos estudantes:

Tabela 2 – Histórias e memórias de estudantes – experiências exitosas com o Projeto Borboletando



Histórias de vidas – participando do Borboletando

Fui apresentada ao Projeto Borboletando, mesmo sem entender como funcionava tudo agarrei a oportunidade. **Fiquei feliz em poder participar da Feira de Literatura Piauiense no espaço do Riverside Shoppings e auxiliando a nossa coordenadora Sandra Ramos com atividades lúdicas das crianças que visitavam o estande do Borboletando, e a compreensão da importância da contação de história. O Projeto Borboletando tem um trabalho lindo através da Contação de histórias o estímulo que causa na transformação do cognitivo e na imaginação da criança, hoje sou estagiária no ensino infantil e bolsista nos anos iniciais do Ensino Fundamental, vez ou outra quando me compete mostro através das observações apreendidas pelo Borboletando a Contação de histórias e, também, na produção de histórias baseada nos fatos reais dos alunos que convivo. Enfim, tenho muito que aprender e dizer que essas atividades de extensão complementam e aguçam a nossa utilidade como pedagoga e ensinam como devemos agir, no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças.**

Entrei no projeto “Borboletando” com o objetivo de poder entender mais sobre a metodologia da contação de histórias para crianças e como ela pode ser utilizada na sala de aula ou em projeto escolar. Mas o que pude perceber é sua relevância como estímulo à imaginação e a criatividade ao envolver os alunos nos momentos de exposição, permitir que as crianças possam participar ativamente ao interagir com os personagens, estimular que os discentes adentrem no mundo literário ao exporem formas diferentes de aproximação dos livros, estimulando o letramento e a formação de leitores críticos e fluentes. São momentos singulares que aliam diversão, entretenimento, estímulo a cognição e a interação como livros e histórias que são trazidas pelas contadoras. Participei de uma das primeiras contações de histórias que foi realizada na Feira da Literatura Piauiense (FELIPI) realizada no Riverside Shopping em 2023. Na ocasião foi exposta a história da *A Porca do Dente de Ouro*, da autora Sandra Ramos e *As Aventuras de Milly! Meu primeiro amor*, da autora Eliszangela Santos de Oliveira. Foram utilizados fantoches gigantes e no final as crianças tinham a oportunidade de realizar uma atividade manual como pintar os personagens em gesso e/ou papel. Os alunos ficavam animados com as atividades e ainda se divertiam muito com a animação das contações. Eles interagiam com perguntas e conversando com as contadoras de histórias. Foi sem dúvida uma prática exitosa no sentido de estimular a imaginação das crianças, atrair sua atenção, provocar questionamentos e também reforçar o papel da leitura na formação crítica e humana dessas crianças. Tudo regado a brincadeira e diversão proporcionado pela narração da contação de histórias. **O contato com o projeto permitir entender mais sobre a importância da leitura nos primeiros anos escolares, principalmente por ser imprescindível para o desenvolvimento das crianças e estimular os primeiros contatos com os livros através da contação de histórias infantis utilizando a imaginação, criatividade e interação ativa dos alunos com as propostas trazidas pelos professores.** [...] A contação de história é um momento primoroso e indissociável do ensino e aprendizagem na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois permite que os discentes desde pequenos se sintam parte da produção de conhecimentos e, também, observem que podem ser sujeitos ativos dentro e fora da sala de aula na construção de saberes. Fazendo com que possam refletir sobre diversos assuntos do seu cotidiano e com isto aprimorar a sua percepção de mundo, contribuindo com o seu processo de

Letramento literário através do contato lúdico e dinâmico com histórias ficcionais variadas e narrativas com temáticas que envolvem temas do cotidiano como racismo, desigualdade, igualdade, respeito e os direitos humanos. Entendendo os contextos, os conteúdos vinculados e a finalidade, permitindo uma visão mais crítica e interpretativa dos gêneros textuais vinculados na narração das histórias.



Minha experiência no programa Borboletando, iniciado em 2023, foi verdadeiramente transformadora, proporcionando-me oportunidades enriquecedoras desde o seu início. Uma das experiências mais marcantes ocorreu durante minha participação na Feira de Literatura Piauiense (FELIPI) naquele mesmo ano. Em meu primeiro contato com o programa, fui designado para o espaço infantil “Felipinha”, dedicado às crianças que participaram do evento, seja como visitantes individuais ou representando suas escolas. Essa experiência não apenas me permitiu aplicar os conhecimentos adquiridos no Borboletando, mas também me conectou diretamente com o público infantil, proporcionando uma visão prática e significativa da educação e da promoção da literatura. No espaço Felipinha, tive a oportunidade de interagir com crianças. Ao proporcionar atividades interativas e lúdicas, como contação de histórias, jogos educativos e oficinas criativas, conseguimos criar um ambiente estimulante e educativo para as crianças presentes. Essa participação na Feira de Literatura Piauiense representou um momento de sucesso pessoal, assim como, uma confirmação do impacto positivo que o programa Borboletando pode ter na promoção da educação e da literatura. Essa experiência serviu para meu comprometimento contínuo com iniciativas educacionais e culturais, demonstrando como o aprendizado prático pode ser crucial para a compreensão e o fortalecimento dos princípios pedagógicos.

Me inseri no curso através do PRIL onde está sendo muito bom, onde as aulas são aos finais de semana sendo que 50% remota e 50% presencial, ensino híbrido. Sobre o projeto borboletando infelizmente eu só participei de um único evento, porem **foi muito enriquecedor para a minha graduação, vi o quanto isso faz a diferença na vida dessas comunidades, o projeto levou até esta comunidade várias atrações como; demonstrações de como fazer a higiene bucal com os estudantes de odontologia da UFPI, músicas infantis, contação de história, pinturas nos rostinhos das crianças, trenzinho para as crianças passearem nas ruas, brincadeiras, entregas de presentes, muitas comidas tudo de pelo o projeto e o mais bonito de se ver era a alegrias das crianças, com elas se divertiam.**



Em 2017, passei no Enem e **escolhi a Universidade Federal do Piauí-UFPI, pelo seu renome e reconhecimento aqui no estado.** Em poucos dias lá estava eu, **a primeira integrante da família Alencar a adentrar uma universidade,** muito mais do que um diploma, fui parabenizada pelo meu esforço e dedicação mesmo diante de tanta barreiras [...] já com disciplinas atrasadas e carga horária reduzida veio a pandemia e com ela minha segunda gestação, Ravi Gael anunciava sua chegada ao mundo, quanta insegurança, medo e dificuldades não se passaram na vida de cada um, agora imagine só : maternidade, graduação, pandemia e dona de casa?! Eu decidi continuar, peguei menos disciplinas, e **quando eu pensava em desistir surge a Professora Sandra, muito mais que apresentação de uma disciplina me apresentou o projeto borboletando,** no qual eu nunca ouvira falar, mas quis adentrar e conhecer esse mundo da contação de histórias e sua implicações no processo de ensino e aprendizagem, onde eu achava que era o fim na verdade era o começo. **Infelizmente durante minha graduação não pude participar de muitas atividades extra curriculares, devido ao trabalho e em seguida as gestações,** mas eis me aqui, vivenciando essa experiência e algumas outras por meio do curso de pedagogia, curso esse no qual eu descobri que muito mais do que professores somos capacitadores, capacitados pra ensinarmos no mesmo instante que aprendemos, convivendo com a heterogeneidade, compreendendo que cada universo é único.

Tem-se em comum ao se analisar as histórias de vida em relação a inserção dessas alunas no Borboletando, a fundamental relevância social e educativa desse projeto. Tendo em vista que essa experiência foi considerada exitosa e promoveu a inclusão de alunos no projeto de extensão universitária – **“Infelizmente durante minha graduação não pude participar de muitas atividades extra curriculares, devido ao trabalho e em seguida as gestações”**, em que a aluna coloca a necessidade de se buscar o educando por meio de propostas educativas inovadoras – **“quando eu pensava em desistir surge a Professora Sandra, muito mais que apresentação de uma disciplina me apresentou o projeto borboletando”**.

Em outras narrativas encontramos falas sobre a importância do projeto, a interdisciplinaridade com as demais áreas e a sua aplicabilidade direta na comunidade, oportunizada pela relação ensino/pesquisa e extensão:

foi muito enriquecedor para a minha graduação, vi o quanto isso faz a diferença na vida dessas comunidades, o projeto levou até esta comunidade várias atrações como; demonstrações de como fazer a higiene bucal com os estudantes de odontologia da UFPI, músicas infantis, contação de história, pinturas nos rostinhos das crianças, trenzinho para as crianças passearem nas ruas, brincadeiras, entregas de presentes, muitas comidas tudo de pelo o projeto e o mais bonito de se ver era a alegrias das crianças, como elas se divertiam [...]

Minha experiência no programa Borboletando, iniciado em 2023, foi verdadeiramente transformadora, proporcionando-me oportunidades enriquecedoras desde o seu início. Uma das experiências mais marcantes ocorreu durante minha participação na Feira de Literatura Piauiense (FELIPI) Em meu primeiro contato com o programa, fui designado para o espaço infantil “Felipinha”, dedicado às crianças que participaram do evento, seja como visitantes individuais ou representando suas escolas. Essa experiência não apenas me permitiu aplicar os conhecimentos adquiridos no Borboletando, mas também me conectou diretamente com o público infantil, proporcionando uma visão prática e significativa da educação e da promoção da literatura [...]

O contato com o projeto permitir entender mais sobre a importância da leitura nos primeiros anos escolares, principalmente por ser imprescindível para o desenvolvimento das crianças e estimular os primeiros contatos com os livros através da contação de histórias infantis utilizando a imaginação, criatividade e interação ativa dos alunos com as propostas trazidas pelos professores.

Fiquei feliz em poder participar da Feira de Literatura Piauiense no espaço do Riverside Shoppings e auxiliando a nossa coordenadora Sandra Ramos com atividades lúdicas das crianças que visitavam o estande do Borboletando, e a compreensão da importância da contação de história. O Projeto Borboletando tem um trabalho lindo através da Contação de histórias o estímulo que causa na transformação do cognitivo e na imaginação da criança, hoje sou estagiária no ensino infantil e bolsista nos anos iniciais do Ensino Fundamental[...] essas atividades de extensão complementam e aguçam a nossa utilidade como pedagoga e ensinam como devemos agir, no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças.

Confirma-se nas narrativas autobiográficas das alunas o que afirma Catani (2005, p. 32) que, “as escritas das obras autobiográficas que testemunham as relações pessoais com a escola pode ser útil como fonte para a elaboração da história da educação”, ao traduzir sentimentos, representações e significados individuais e coletivos comuns às narrativas das memórias, histórias e relações sociais com a universidade e os projetos de extensões vivenciados pelos alunos da UFPI, em especial o

Borboletando, pode-se conhecer a história, as experiências realizadas e as práticas em geral desenvolvidas pelos sujeitos partícipes dessas experiências que são consideradas exitosas.

O Projeto Borboletando: em casa também se aprende, como exemplo de uma experiência exitosa para alunos do curso de formação de professores no âmbito da Pedagogia da UFPI, bem como em seu primeiro momento durante a pandemia do Covid 19, possibilitou às famílias, estudantes e professores ou a qualquer pessoa interessada na temática a utilização da contação de história como método e técnica de ensino e aprendizagem em um formato lúdico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se aqui pontuar elementos que ajudem a problematizar o lugar da educação em tempos em que todos os aspectos da vida humana estão sujeitos à mediação tecnológica. Como uma realidade dada, coube levantar aspectos filosóficos que situem o papel da educação enquanto uma prática crítica, que possa auxiliar a entender o mundo, como também aspectos de caráter mais pedagógico, uma vez que como pessoas imersas em uma sociedade do conhecimento, alicerçada pela TDIC, torna-se função dos educadores procurar os meios mais adequados para aproveitar os recursos tecnológicos disponíveis.

Diante do desenvolvimento das novas tecnologias o papel dos professores não diminui, ao contrário torna-se mais relevante ainda, uma vez que este, por sua natureza, possui as ferramentas teóricas e metodológicas para a condução de processos educativos críticos, inclusivos e permanentes, que respondam aos desafios atuais. Em se tratando dos aspectos metodológicos, encontram-se em expansão aqueles que favorecem o protagonismo dos alunos, bem como a utilização de recursos tecnológicos, colaborando no processo de mediação de aprendizagem subjacente às diversas possibilidades de interações digitais e que ocorrem nas diversas modalidades de educação.

O papel do “Projeto Borboletando: em casa também se aprende!”, e de forma específica da contação de histórias nas redes sociais, destacou-se como uma das formas de integrar/inserir o clássico com a inovação tecnológica/contemporânea, o lúdico e a aprendizagem, bem como o pioneirismo de canais virtuais que procuram dar uma dimensão educativa aos vídeos disponibilizados em sua plataforma. São experiências que se alinham a um paradigma de aprendizagem e que acontecem ao longo da vida e em espaço que se estendem para fora do espaço de sala de aula e que utilizam o tempo de forma diferente do que acontece na educação escolar, atendendo assim aos interesses e necessidades de quem está em situação de aprendiz.

Corroboram com as reflexões e achados aqui apresentados, as narrativas expressas pelas alunas extensionistas ao relatarem a relevância das vivências no Projeto em seus processos formativos, reconhecendo-as como parte das inovações educacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Apresentação. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018. E-Pub.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018. E-Pub.

BRASIL. Ministério da Educação. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior. Brasília: SEF/MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>>. Acesso em 04/02/2000.

CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA – CEAD/UFPI. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE FOMENTO E INDUÇÃO DA INOVAÇÃO DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES E DIRETORES ESCOLARES- PRILEI. DISPONÍVEL EM: <https://cead.ufpi.br/index.php/prils#:~:text=O%20Programa%20Institucional%20de%20Fomento,nas%20etapas%20iniciais%20de%20ensino> . Acesso em: 04 nov. 2024.

BORBOLETANDO: em casa também se aprende. Home. [2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@borboletandoemcasatambemse4780> Acesso em: 14 fev. 2023. YouTube Canal.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006 .

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DOHME, Vânia D' Angelo. Comunicação & encantamento: as histórias de fadas como mídia entre a realidade do mundo adulto e a realidade fantástica da criança. [Doutorado em comunicação e semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2008. 215 p]. Disponível em <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/5071>> Acesso em 21/02/2023.

GONÇALVES, Marta de Oliveira; SILVA, Valdir. Sala de aula compartilhada na licenciatura em Matemática: um relato de prática. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018. E-Pub.

LIBÂNEO, Pedagogia e pedagogos: para quê? São Paulo: Cortez, 2010.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018. E-Pub.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa Pesquisa Historiográfica. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 179-195, nov. 2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/FGx3yzvz7XrHRvqQBWLzDNv/abstract/?lang=pt> Acesso em 05/07/2023.

RAMOS, Sandra de Lima Vasconcelos (coord). Projeto Borboletando: em casa também se aprende. UFPI: 2022.

TAHAN, Malba. A arte de contar de histórias. 4 ed. Revisado. Conquista: Rio de Janeiro, 1964.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Art. Med, 1998.